

MÍSTICA E VIDA NO ESPIRITO: UMA APROXIMAÇÃO TEOLÓGICA ENTRE O PENSAMENTO DE JUAN MARTIN VELASCO E A CARTA DE SÃO PAULO AO ROMANOS 8, 1-13

Data de aceite: 01/09/2023

Anderson Moura Amorim

Mestre em Teologia (PPGTEO – UNICAP - PROPESP/BOLSA JESUÍTA)

RESUMO: A experiência mística costuma apresentar-se como uma vivência intensa que implica a união pessoal com a Realidade divina ou última. Mas, embora neste sentido “só os místicos possam falar e escrever sobre misticismo”, é possível acompanhá-los na sua exploração e estudar o fenômeno místico com vista à compreensão não apenas sua natureza e manifestações, mas sua relação com o mundo espiritual em geral. O presente artigo propõe descrever, nas palavras de Juan Martin Velasco e do apóstolo Paulo, o significado da mística como experiência particular de fé de um movimento especial e específico do Espírito Santo que transforma o ser humano e implica em um novo modo de viver e comportar-se na sociedade. Precisamente porque estão abertos a contemplação do mistério, os místicos não fogem do mundo, mas vivem e transformam o cotidiano imerso na transcendência.

PALAVRAS-CHAVE: Espírito Santo. Mistério. Mística. Caridade.

1 | INTRODUÇÃO

Em plena época de fundamentalismo e secularização, de descrenças generalizadas e indigência religiosa, em plena crise das instituições religiosas sob o impacto de novas formas e manifestações religiosas, da razão instrumental e laicidade, vem aparecendo um despertar da mística contra todo o prognóstico que constitui uma das principais respostas aos fundamentalismos religiosos.

Assim sendo, há uma necessidade de pensar sobre a mística cristã como caminho da reflexão teológica capaz de resgatar a dimensão mistagógica da fé em Cristo. Aliás, é justamente por causa da percepção da urgência de nosso tempo – que nos conduz a novas reflexões sobre a vivência da fé cristã num mundo de intensas e constantes transformações que alcançam todas as áreas da vida humana – que também podemos afirmar a necessidade de se pensar sobre a mística como fonte da teologia. Nesse sentido, a pergunta pela

dimensão mística da fé e pela experiência mística cristã é premente. Pensar a mística como lugar da teologia reafirma a própria teologia como a ousada ação de dizer o que não pode ser dito, reconhecendo, por outro lado, a limitação de seu próprio discurso. Isso gera uma prática teológica humilde, mais próxima da *kénosis* divina, e conseqüentemente uma eclesiologia, uma missiologia, uma liturgia, uma espiritualidade, e, a bem da verdade, tudo o mais que se relaciona à fé cristã, mais humanas e humanizadoras.

Obviamente, não há uma pretensão de negar o aspecto dogmático da teologia, bem como, a sistematização doutrinária de suas experiências histórica e culturalmente situadas, mas antes da abertura clara e consciente ao fôlego da vida de Deus, ao vento que sopra onde quer (Jo 3.8), ao Espírito de Cristo que nos conduz a uma experiência verdadeira com o mistério de Deus e nos compromete a prática do bem para a construção do Reino de Deus.

2 | TERMO MÍSTICA: BREVE HISTÓRICO E SIGNIFICADO

A palavra mística vem da transcrição do termo grego, do adjetivo *mystikós*, de origem das religiões mistericas (ta *mystika*) das cerimônias nas quais os *mystes*, o fiel era iniciado nos grandes mistérios. Para os antigos, mística era tudo o que tinha a ver com os “mistérios”, ou seja, as cerimônias religiosas secretas, um culto esotérico ao qual ninguém era admitido sem ter passado por alguns ritos de iniciação (BOUYER, 1952, pp. 177-212).

Para o cristianismo o termo *mystikós* adquiriu uma compreensão semelhante à de *mysterion*. A palavra *mysterion*, presente nos sinóticos, designa a realidade do Reino de Deus escondido das multidões e revelado aos eleitos (Mc 4,11; Mt 13,11; Lc 9,10). Em São Paulo, o termo *mysterion* tem um lugar central para designar toda a complexa realidade da salvação de Cristo que culmina no mistério pascal. Para Paulo, o mistério consiste no designio eterno do Pai que quer recapitular todas as coisas em Cristo (Ef 1,9-10). Em Cristo, com a sua vinda, cumpre-se este designio e ao o tempo é revelado aos homens para que dele participem (Col 1,25-27). Por meio da encarnação de Cristo, no mistério de sua morte e ressurreição, a humanidade é reconciliada com Deus.

Conforme Juan Martin Velasco (2019), os conceitos traçados no Novo Testamento serão aprofundados posteriormente e desenvolvido pelos Padres da Igreja a partir do século III, adquirindo três sentidos: espiritual, simbólico e teológico, que seguem ainda até nossos dias:

Mística designa em primeiro lugar, o simbolismo religioso em geral e será aplicado por Clemente e Orígenes, ao significado típico ou alegórico da sagrada Escritura que origina um sentido espiritual ou místico em contraposição ao sentido literal. Em segundo lugar, próprio do uso litúrgico, remete ao culto cristão e a seus diferentes elementos. Assim Santo Atanásio fala do cálice místico da celebração da eucaristia. Neste âmbito cultural místico significa o sentido simbólico, oculto dos ritos cristãos. E em terceiro lugar místico em sentido espiritual e teológico, se referindo às verdades inefáveis, ocultas do

cristianismo (Orígenes, Metodio de Olímpia) as verdades mais profundas, objeto, portanto de um conhecimento mais íntimo (VELASCO, 2009, p. 20).

Velasco ainda diz que nos últimos séculos o fenômeno místico em sua extraordinária variedade de formas extras religiosas e religiosas; cristãs e não cristãs e a multiplicação dos pontos de vista para seu estudo, explicam sua complexidade e inclusive a imprecisão semântica do termo, tanto na linguagem ordinária como na terminologia própria das distintas ciências da religião, da filosofia e da teologia. (VELASCO, 2009, p. 21).

Em termos gerais e imprecisos com a palavra mística referimos a experiências interiores, imediatas, fruitivas, que tem lugar em um nível da consciência que supera a experiência ordinária e objetiva. Ou ainda, Mística como experiência direta da presença de Deus. De uma íntima união com Deus. É o mistério humano imerso no Mistério de Deus, o inefável.

O encontro mais profundo terá lugar na esfera da mística, na qual vamos além das ideias, dos conceitos e das imagens, até o estado de amor silencioso. Aqui as pessoas permanecem em um estado de união sem palavras, aqui o espírito se encontra com o Espírito (VELASCO, 2009, p. 471).

Neste estado de união sem palavras a linguagem do místico é a linguagem de uma experiência vivida; devido à insuficiência da linguagem, os místicos deixam suas experiências na escrita, poesia, música, pintura, arte, expressões corporais, etc. É uma linguagem simbólica. Para Velasco, a realização da experiência de fé é o centro do fenômeno místico, por ser uma livre e pessoal resposta do sujeito à presença do Mistério (VELASCO, 2001, p. 52).

No encontro com o mistério, o místico na sua intimidade com o absoluto não está preocupado em explicar o que experimenta, mas deixa-se conduzir por aquele encontro místico que deu novo rumo a sua história, percebe que precisa abrir-se a uma atitude de mudanças de rota (VELASCO, 2001, p. 281). Ou seja, não consegue ser o mesmo nem viver como antes, mas a vida segundo o espírito. O mistério o transformou (VELASCO, 2001, pp. 23-25).

Dito isto, compreendemos que na epístola aos romanos 8,1-13, Paulo desenvolve sua teologia mística e sua ética lado a lado, a partir da ideia do “viver segundo o Espírito”, que é apenas uma forma de manifestação do estar-em-Cristo. Para o apóstolo dos gentios, por meio do Espírito, fruto da nova aliança de Cristo, é realizada uma nova criação, pois o “Espírito dá sentido à existência; cria e fixa esse sentido e, através dele, entra sentido na existência e a existência passa a ter sentido” (BARTH, Karl, 2005, p. 44). Desse modo, o Espírito conduz o homem a uma experiência verdadeira com o mistério de Deus e configura a conduta ética do mesmo, guiando seu pensar e agir, enchendo-o de uma confiança absoluta em Deus.

3 I CONTEXTUALIZAÇÃO DA PERÍCOPE RM 8, 1-13

A carta de São Paulo aos Romanos, escrita em Corinto entre os anos 56-57 d.C (BORTOLINI, 1999, p. 9.), depois da chamada terceira viagem missionária, é uma das mais densas teologicamente em doutrina, pois se constitui como uma síntese bem elaborada de todo o pensamento teológico do apóstolo. Os temas tratados na carta e os debates de Paulo com o judaísmo mostram que ele quer corrigir falsas interpretações de suas pregações entre os pagãos. A exposição que faz de suas idéias é muito clara: desenvolve a doutrina sobre a gratuidade da salvação pela fé; mostra que Deus quer salvar todos os homens e não somente o povo judeu; que a salvação veio definitivamente por meio de Jesus Cristo; que Deus dá ao homem o Espírito Santo, que destrói o pecado e cria nele uma nova vida (FITZMYER, 2011, p. 515).

A perícopa escolhida do capítulo 8 está inserida na parte doutrinal da carta paulina e indica o itinerário da libertação da lei para a vida no Espírito. Para isso, o apóstolo desenvolve a contraposição entre espírito e carne.

3.1 A contraposição entre espírito e carne

A antítese entre espírito e carne (DUNN, 2003, pp. 535 – 546), desenvolvida pela carta paulina é diferente da oposição que existe no dualismo grego, no qual o espírito imaterial se identificava com a alma que estava oposta ao corpo. “A antítese grega era estrutural e constitutiva, ao passo que a paulina tem caráter dinâmico e existencial, e entende o homem como unidade psicofísica” (BARBAGLIO, 1991, p. 242).

No Novo Testamento, a típica contradição paulina carne-espírito (*sárx-pneuma*, correspondente à dupla hebraica *basar-ruah*), longe de formular a tensão dualista corpo-alma, verbaliza a dialética (já conhecida pelo Antigo Testamento) entre a “carne” (o que procede do homem e lhe é conatural) e o *espírito* (o que procede de Deus, a dimensão transcendente do ser humano, seu estar-aberto-para-cima). Os dois termos desta dialética remetem, pois, o homem uno e inteiro, uno quanto a partes antagônicas de presumido composto humano. (DE LA PEÑA, 1988, p. 233).

A contraposição paulina “Carne-Espírito” pretende descrever o ser (= éinai), o agir (= *peripatéin*), o viver (= *zên*) e a tendência finalista (= *fronéin*) do homem. Espírito e “carne” seriam determinações não-periféricas e parciais, mas centrais e totalizantes (BARBAGLIO, 1991, p. 242).

3.2 A centralidade do Espírito em Rm 8, 1-13

A palavra “espírito” é empregada no capítulo oito, como um “centro focal” (BARBAGLIO, 1991, p. 238.). Na maioria das vezes em que aparece com o termo *pneuma* designa o Espírito Santo (CRANFIELD, 1992, p. 168). De modo geral, o termo “Espírito” aparece associado a Cristo e ao Pai nos temas da esperança, salvação e caridade.

A mais notável das recomendações éticas paulinas é, ao longo de toda a pericope, sem dúvida, o apelo para “viver segundo o Espírito”. “A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus” (Rm 8,2) que está ligada à salvação operada pela cruz de Jesus e pela sua ressurreição que concede a vida nova.

O Espírito de Deus está nos homens porque estes estão em Cristo Jesus. É através do estar-em-Cristo que os homens são instrumentos do Espírito, não como homens naturais, mas como aqueles que verdadeiramente estão mortos e sepultados com Cristo, pois se “o Espírito daquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,11) ¹.

É precisamente como “a lei do Espírito”, a lei entendida como diretriz para a conduta dirigida pelo Espírito, libertada das ideias errôneas, da força do poder do pecado, e da fraqueza da carne que tanto lhe reduziu o poder, que ela pode ser experimentada como força libertadora e lei para a vida. Também devemos notar a ligação entre a “lei do Espírito” e a “lei da fé” pois ambas querem frisar a importância vital de fazer a vontade de Deus. Em ambos os casos o qualificativo (“da fé”, “do Espírito”) indica de maneira resumida como essa obediência se torna possível pois a confiança humana se encontra com o poder do Espírito.

A possessão do Espírito prova aos que crêem em Cristo que eles não estão mais na carne, ou seja, estar no espírito é apenas uma forma de estar em Cristo. Através do espírito é realizada a verdadeira circuncisão, aquela do coração fruto da Nova Aliança em Cristo, pois o “Espírito dá sentido à existência; cria e fixa esse sentido. Pelo espírito entra sentido na existência e a existência passa a ter sentido” (BARTH, 1999, p.44).

A vida nova em Cristo comporta um novo modo de viver, pois a ação do Espírito forja um novo *ethos*. As normas da antiga Lei foram aperfeiçoadas pela Nova Lei do amor, inaugurada por Cristo na cruz. O novo estilo de vida, portanto, resultado de uma nova Lei interior e espiritual, impele o homem a testemunhar na prática essa nova realidade, uma “nova criação”.

4 | A VIDA DO CRISTÃO NO ESPÍRITO

Com o sacramento do batismo, o ser humano, mediante o Espírito, renasce a uma nova vida (CIC, 2000, n.1213). Por meio da graça sacramental, somos inseridos na vida de Cristo e pelo Espírito que nos é dado, realiza o novo nascimento que purifica, santifica e justifica, sem o qual ‘ninguém pode entrar no Reino de Deus’ (Jo 3, 5). O Espírito nos torna templo de Deus e sua habitação, porque está nos nossos corpos como autor de santidade e uma vez habitados por Ele, somos feitos “instrumentos” em suas mãos e podemos, portanto, ser “conduzidos” por Ele.

1. A ação do Pai aparece de forma implícita pois em Paulo é Deus quem age enviando seu Espírito e ressuscitando Jesus. A ressurreição é um evento absoluto que se define em função do Espírito da vida; Cristo foi estabelecido Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dentre os mortos (Rm 1,4).

Todavia, é preciso ter presente que a vida no Espírito não se configura a nenhuma espécie de alienação, ópio ou subjetivismo, mas como constitutivo do seguimento de Cristo. Seguimento que não se limita a uma mera imitação ou repetição de determinados atos ou virtudes de Jesus, mas que consiste, antes, em reproduzir criativamente, no contexto histórico, a vida e a prática de Jesus. Seguir o Cristo como “o caminho” (Jo 14,6), é entrar na dinâmica da vida espiritual, isto é, “caminhar segundo o Espírito” (Rm 8,4). Só movidos pela força do Espírito, aprende-se “como viveu Jesus sua história. E nesse espírito aprende-se a viver não sua história, mas, sim, a nossa” (SOBRINO, 1987, p.187)

4.3 O Espírito Santo transforma o ser humano

O Espírito exige uma mudança na vida do cristão, está intimamente ligado à exigência da práxis. A fé desvinculada de ação concreta pode se transformar facilmente numa fantasia espiritual em busca do bem-estar pessoal. Desse modo, aquele que vive segundo o Espírito, já não tem necessidade de apegar-se aos bens temporais ou aos devaneios deste mundo², submeter-se aos desejos meramente humano, nem escravizar-se aos prazeres, mas se espera afastar-se do mal e praticar o bem. (CIC, 2000, n. 1708).

A prática do bem é uma ação natural e própria da vida nova no Espírito. Provém do coração novo, habitado pelo Espírito do ressuscitado, que se abre em ações concretas em favor do próximo. O Apóstolo Tiago exorta que a fé sem obras é morta (Tg 2,17). Assim sendo, partilhar os bens recebidos ou adquiridos e desprender-se da riqueza em favor dos pobres, socorrer os necessitados, etc., são ações humanas que resultam do impulso da graça recebida pelo Espírito.

Destarte, a vida nova no espírito é uma graça, Dom de Deus, mas exige, ao mesmo tempo, do ser humano, uma constante conversão, um esforço particular para “viver dignamente”, conforme a proposta sacramental. A graça não retira a inclinação ao pecado, mas dá forças necessárias para que possa combater. Deste modo, a vida no Espírito exige, portanto, empenho e confiança na graça de Deus.

O novo homem, gerado em Cristo, no Espírito, deve paltar sua conduta por meio do testemunho de uma vida coerente. A vida nova trata-se realmente de uma “nova criação”, pois “Deus faz novas todas as coisas” (Ap 21,5) em Cristo Jesus. O cristão deve, pois, viver de modo coerente com aquilo que professa crer.

4.4 Coerência de vida

Aquele se deixou alcançar pelo amor de Deus, revelado plenamente em Jesus Cristo por meio do seu Espírito, deve comportar-se de maneira digna. A sua mudança deve passar

2. O desapego aos bens temporais não consiste em uma mística desencarnada; nem se configura a algum tipo de desencantamento com o mundo pela frustração do insucesso; muito menos, algum tipo de conformismo com a pobreza, como sinal ou destino do pobre, da qual ele devesse resignar-se diante da realidade, mas gira em torno do “desapegar-se” dos bens ou às riquezas presentes em vista dos bens superiores e definitivos.

pela via interior, mas que também se manifeste exteriormente em novos comportamentos e costumes. Conforme o papa emérito Bento XVI: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (BENTO XVI, 2015, n.1).

O testemunho de vida não é opcional, mas constitutivo do ser cristão. Um autêntico testemunho moldado pela exatidão do comportamento e pela vigilância de vida, que seja coerente com o Evangelho e com os valores cristãos. Esse é o grande desafio mais urgente para todos os cristãos no mundo atual.

O Papa Paulo VI, preocupado com a eficácia da evangelização do mundo contemporâneo, dizia que:

“para a Igreja, o testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização. “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres; [...] ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”. São Pedro exprimia isto mesmo muito bem, quando evocava o espetáculo de uma vida pura e respeitável, “para que, se alguns não obedecem à Palavra, venham a ser conquistados sem palavras, pelo procedimento” (1Pd 3,1). Será pois, pelo seu comportamento, pela sua vida, que a Igreja há de, antes de mais nada, evangelizar este mundo; ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo; numa palavra, testemunho de santidade” (EN, 1995, n. 41).

Para o romano pontífice, o testemunho cristão diz respeito a uma vida que corresponda com aquilo que se anuncia. Não se pode evangelizar sem testemunho. Dessa maneira, a evangelização, nascida do testemunho, está relacionada em três critérios fundamentais: o amor, a alegria e o serviço.

Jesus apresenta o amor como a identidade do ser cristão: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). Na experiência do encontro com o amor gratuito de Deus, nasce o sentimento transbordante da alegria. A alegria que não consiste na negação da dureza do mundo em que vivemos, nem seus sofrimentos, mas na íntima união com Cristo. Por isso Paulo convida: “Alegrai-vos sempre no Senhor” (Fl 4,4). A alegria cristã, enraizada em Jesus Cristo que se entrega na cruz por amor, se dispõe a comunicar o Evangelho do Reino servindo à humanidade: “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13,15).

5 | O COMPROMISSO SOCIAL COMO CONSEQUÊNCIA DA VIDA NO ESPÍRITO

Por meio do batismo, “sacramento primeiro e principal que nos introduz no mistério e na vida de Deus” (MIGUEL, 1988, p. 94), o homem é inserido na comunidade eclesial,

Corpo Místico de Cristo, a Igreja. Com isso, a vida nova comunicada pelo Espírito no batismo possui, nesse sentido, uma dupla dimensão: pessoal e comunitária.

A fé em Cristo se dá por meio da intimidade com Deus e manifesta-se em atitudes concretas de amor para com o semelhante. Assim sendo, não pode haver separação entre fé e obras, como não se pode aceitar a possibilidade de separação entre vida no Espírito e compromisso social.

Os primeiros cristãos, movidos pelo Espírito de Deus, são chamados a colocar “tudo em comum” (At 2,44; 4,32) como um testemunho constitutivo do seguimento de Cristo e da vida em comunidade. O coração novo no Espírito será sempre impulsionado pelo desejo de fazer o bem, livre do individualismo que “enfraquece os vínculos comunitários” (DOC. AP., 2007, n. 44. p. 32).

Praticar o bem para com o próximo é intrínseco ao seguimento a Cristo. Assim, compreendemos que a prática do bem para com o próximo não é uma experiência dolorosa, mas pelo contrário, “a prática do bem é acompanhada de um prazer espiritual gratuito [...]” (CIC, 2000, n. 2500), porque “há mais felicidade em dar que em receber” (At 20,35). E, ainda, a prática do bem é movida pela força da caridade, do amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado (Rm 5,5). Afinal, a Nova Lei³, que é a graça do Espírito Santo dadas aos fiéis pela fé em Cristo (CIC., 2000, n.1965) opera segundo a caridade (CIC., 2000, n. 1965).

5.1 A caridade: nova lei

A nova Lei para a qual tende toda a vida nova no Espírito é movida pela caridade. A caridade, “vínculo da perfeição” (Cl 3,14), é fonte e termo de toda prática cristã (CIC., 2000, n. 1827).

A caridade é, por excelência, a virtude para o bem comum, “representa o maior mandamento social” (CIC., 2000, n. 1889), pois não procura o próprio interesse” (1Cor 13,5b). Somente a caridade, na sua qualidade de forma das virtudes (*forma virtutum*), pode animar e plasmar o agir social no contexto de um mundo cada vez mais complexo. Para que tudo isto aconteça, é necessário que se cuide de mostrar a caridade não só como inspiradora da ação individual, mas também como força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje e para renovar profundamente desde o interior das estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos. Nesta perspectiva, a caridade se torna “caridade social e política”: a caridade social nos leva a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas, consideradas não só individualmente, mas também na dimensão social que as une. (DSI., 2004, n. 207).

Para o Papa S. João Paulo II, a caridade é consequência do relacionamento entre Deus e o homem. No relacionamento mutuo, nasce a solidariedade, a compaixão, a misericórdia para com o próximo. Para S. João Paulo II, a solidariedade:

3. Neste caso, a Nova Lei é também chamada Lei evangélica e é compreendida como “nova” em relação à Antiga Lei, cf. CIC., 2000, nn. 1961-1974.

“não é um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos”. (SR., 1997, n. 38).

Assim sendo, enquanto cristãos, somos chamados a nos revestirmos não somente dos sentimentos de compaixão, que exige de nós a prática da caridade, mas desafiados a ter a clara consciência de *Fratelli Tutti* (somos todos irmãos).

À luz do axioma teológico: “*Lex orandi – Lex credendi*” (= *A lei da oração é a lei da fé ou a Igreja crê conforme reza*), deve-se ser acrescentado, no tempo, uma terceira expressão: “*Lux operandi et vivendi*” (*à luz da ação e da vida*). Devemos celebrar a fé à luz da ação e da vida. Neste sentido, a CNBB confirma e, de um certo modo, nos faz pensar: “*Uma comunidade insensível às necessidades dos irmãos e à luta para vencer a injustiça é um contra-testemunho, e celebra indignamente a própria liturgia*” (DG 2008-2010, n. 178). A eucaristia não é um mero rito sacramental, mas um compromisso com Deus e com a causa do Evangelho. Para além dos dogmas e das doutrinas, devemos explicitar a fé nas obras de caridade, fruto da vida no Espírito.

6 | CONCLUSÃO

No cristianismo, a vida mística e o compromisso social, encontram-se profundamente ligados, como uma realidade única, constitutiva da fé. A dissociação entre ambas dimensões, além de gerar distorções a respeito da missão cristã no mundo atual, pode conduzir a própria práxis eclesial por caminhos de extremismos, conflituosos.

Na epístola aos romanos 8,1-13, Paulo desenvolve sua teologia e sua ética lado a lado, a partir da ideia do “viver segundo o Espírito”, que é apenas uma forma de manifestação do estar-em-Cristo. Para o apóstolo do gentios, por meio do Espírito, fruto da nova aliança de Cristo, é realizada uma nova criação, pois o “Espírito dá sentido à existência; cria e fixa esse sentido e, através dele, entra sentido na existência e a existência passa a ter sentido”. (BARTH, Karl, 2005. p 44). Desse modo, o Espírito no conduz a uma experiência mística e configura a conduta ética do cristão, guiando seu pensar e agir, enchendo-o de uma confiança absoluta em Deus.

Com isso, a expressão paulina: “viver no espírito”, tem uma profunda ligação com a reflexão teológica de Juan Martin Velasco sobre a experiência mística, pois, o “viver no Espírito” corresponde, a não viver em uma espiritualidade fundamentalista, descarnada, alienada, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros” (GE, 2013, n. 36), mas comprometida com os mais necessitados, ancorada nos valores do Reino de Deus, capaz de remover as desigualdades, sanar a injustiça que mina pela raiz a saúde da humanidade inteira (FRANCISCO, 2020, p. 9).

Em suma, o cristão, nascido em Cristo, no Espírito, não pode refugiar-se no interior de uma experiência intimista e isolada, mas conduzido pelo Espírito, deve se manifestar por meio de um testemunho voltado para o bem comum. Movidos pela caridade, o cristão deve se empenhar por uma *polis* melhor e mais justa sobre a terra, onde já não existam mais fome, injustiça e morte, primícias daquela *polis* definitiva (Fl 3,20), nova Jerusalém Celeste, para a qual fomos salvos.

SIGLAS

CIC - Catecismo da Igreja Católica

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DSI - Compêndio da Doutrina Social da Igreja.

EG - Evangelii Gaudium

EM - Evangelii Nuntiandi

SR - Sollicitudo Rei Socialis

REFERÊNCIAS

- Livro:

BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo, II*. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção Bíblica Loyola, 5).

BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*. 1ª Parte Capítulos I a VII. São Paulo: Novo Século, 1999.

BENTO XVI. Carta Encíclica “Deus Caritas Est”. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.

BIBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova ed. rer. e amp. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004

BISPOS DO BRASIL. *Carta ao povo de Deus* Brasília: CNBB, 04 de agosto de 2020. [Carta assinada por 152 bispos do Brasil].

BOUYER, Louis. *Mysterion dal mistero alla mistica*. Città del Vaticano: LEV, 1952.

BORTOLINI, José. *Como ler A CARTA AOS ROMANOS: o Evangelho é a Força de Deus Que Salva*. São Paulo: Paulus, 1997.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

COMPENDIO DELLA DOTTRINA SOCIALE DELLA CHIESA. Città del Vaticana: Libreria Editrice Vaticana, 2004.

CRANFIELD, Charles. E. B. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992. – (Grande Comentário Bíblico).

DE LA PEÑA, Juan Luis Ruiz. Dualismo. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo. (orgs.). *Dicionário teológico: o Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1988. – (Série Dicionários).

DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM), Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

DUNN, James D. G. *A teologia de Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* São Paulo: Paulinas, 2013.

FITZMYER, Joseph A. A Carta aos Romanos. In: ERONIDES, Celso Fernandes. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos/ São Jerônimo*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo, 2011.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* pelo vigésimo aniversário da Encíclica *Populorum Progressio*. In: Encíclicas de João Paulo II (1978). São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja; 4).

MIGUEL, José Maria de. *Batismo*. In: PIKAZA, Xavier; SILANES, Nereo. (orgs.). *Dicionário teológico: o Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1988. – (Série Dicionários).

PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

SOBRINO, J. Fe de Jesús y moral fundamental. In: ID. *Cristología desde América Latina*, México, 2ª ed., 103. In: REJÓN, Francisco Moreno. *Teologia Moral a partir dos pobres. A moral na reflexão teológica da América Latina. Teologia Moral na América Latina – 1*, Santuário, Aparecida, 1987.

VELASCO, J.M. *El fenómeno místico, estudio comparado*. Madrid, Editorial Trotta, 2009.

_____, *Introducción a la fenomenología de la religión*. Madrid, Editorial Trotta, 2006.

_____, *A Experiência Cristã de Deus*. São Paulo, Paulinas, 2001.

_____, *Mística y humanismo*. Madrid, PPC, 2008.

Documentos eletrônicos:

FRANCISCO, papa. Discurso do papa Francisco em Sexta-feira, 27 de março de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papafrancesco_20200327_omelia-epidemia.htmlAcesso em: dia 14 de jun. 2021.